CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRANEO – WOMEN'S FILM FESTIVAL
3 de novembro de 2025

DOBRA ŽENA | A GOOD WIFE / 2016

("Uma Boa Esposa")

Um filme de **Mirjana Karanovic**

Realização: Mirjana Karanovic / **Assistentes de Realização:** Katarina Bulajic, Darko Lungulov, Goran Stankovic / **Argumento:** Stevan Filipovic, Mirijana Karanovic, Darko Lungulov / **Direção de Fotografia:** Erol Zubcevic / **Departamento de Arte:** Vladimir Maric, Vlasto Maric, Dragan Micanovic, Dejan Vidic / **Montagem:** Lazar Predojev, Salem Kapic Kantardzic, Uros Milkic / **Composição:** Dejan Pejovic / **Música:** Dino Dolnicar / **Som:** Goran Corkovic, Dino Dolnicar, Nebojsa Dragicevic, Vladan Korac, Zoran Maksimovic, Ognjen Obradovic, Dejan Pejovic / **Casting:** Milenko Vujic / **Figurino:** Boris Caksiran / **Maquilhagem:** Tijana Saletovic, Martina Subic-Dodocic / Departamento Técnico: Mikaela Lungulov-Klotz, Dejan Mitic, Dalibor Pavlovic / Intrepertação: Mirijana Karanovic, Boris Isakovic, Jasna Djuricic, Bojan Navojec, Hristina Popovic, Vlado Kerosevic, Ksenija Marinkovic, Isidora Simijonovic, Jovan Belobrkovic, Ermin Bravo, Zinaida Dedakin, Svetozar Cvetkovic, Andjelika Simic, Olivera Viktorovic, Cvijeta Mesic, Milan Maric, Stefan Radonjic, Darija Rajsic, Andrej Nosev, Damjan Kecojevic, Vesna Varicak, Aleksandar Alac, Milica Petrovic, Uros Lukovac, Bojan Lazarov.

Produção: This and That Productions, Cineplanet / **Produtores:** Milena Dzambasovic, Mirza Hamzic, Uros Lukovac, Goran Stankovic, Snezana van Houwelingen, Milica Putnik Lukovac / **Cópia:** DCP, cor, legendado em inglês com legendas eletrónicas em português / **Duração:** 94 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca

com a presença de Mirjana Karanovic

Dobra Žena podia antes chamar-se *Sex, Lies, and Videotape* – partilhando título com outro drama conjugal com que pouco tem em comum, mas que parece representado pelos mesmos elementos. Aqui, o "sexo" é a intimidade que se desvanece, as "mentiras" são o silêncio, motivado pela cumplicidade e ignorância, que tinha até agora evitado o primeiro cenário, e a "videotape" é o registo cru de um passado que insiste em reaparecer, devolvendo à superfície o que se quis esquecer. É o primeiro trabalho de realização de Mirjana Karanović – reconhecida atriz do cinema sérvio e jugoslavo que, deste lado do continente, talvez nos seja mais familiar das duas Palmas de Ouro de Kusturica (**When Father Was Away on Business** e **Underground**) – e surge como uma confrontação íntima e política com o silêncio que paira sobre a guerra dos Balcãs.

Milena é uma mulher de meia-idade, de sorriso contido, mãe de duas filhas já crescidas, esposa de um homem respeitável, ex-combatente da guerra da Bósnia. Vive num quotidiano tranquilo, burguês, de pequenas rotinas domésticas – a la Jeanne Dielman – e festas entre amigos. Uma espécie de realidade suspensa entre o conforto e ignorância – talvez o primeiro seja consequência do segundo, ou o segundo condição para o primeiro, numa relação de simbiose perversa. Mas esse equilibrio frágil tem os dias contados, e a situação complexificasse porque Milena acredita que também os tem.

A revelação do passado violento do marido – ao procurar uma cassete de vídeo, Milena descobre uma gravação que o incrimina de crimes de guerra, num ato de remexer literalmente no passado que até agora estava arrumado (e fingir esquecer ou não querer saber é a questão central do filme) – desmorona essa frágil superfície e obriga-a a encarar uma verdade que não só ela, mas o país, preferiria continuar a negar. É nesse confronto que o filme encontra a sua força: na passagem da passividade à consciência, da cumplicidade silenciosa à responsabilidade individual. "Boa esposa", no título, é uma ironia amarga – um reflexo do ideal social que a guerra e o patriarcado impuseram, mas também um lugar onde se disputa a integridade moral da mulher (e do cidadão sérvio) que se parece guiar pela proteção do marido (e do país). Qual o preço da ignorância voluntária?

A bondade a que ele alude não é um estado de virtude, mas um papel imposto – o da mulher que serve, que silencia, que protege o marido a todo o custo. A descoberta da cassete é, nesse sentido, um gesto de libertação: a prova material da culpa masculina torna-se o motor de uma tomada de consciência feminina. O percurso de Milena é o de alguém que, ao reconhecer a monstruosidade do outro, se descobre também a si mesma como sujeito moral.

A doença - um cancro da mama - adquire então uma dimensão simbólica. O corpo, antes invisível e subserviente, torna-se lugar e revelação. A ferida física espelha a ferida moral. Ao enfrentar a doença, Milena enfrenta também a doença do país. A operação, a desinfecção, a solidão do bloco;, o corpo prestes a ser mutilado. Tudo isso se transfigura numa espécie de ritual de purificação, de renascimento.

Karanović filma com uma sobriedade que recusa o dramatismo fácil – mesmo que a doença puxe pelo melodrama – a câmara é discreta, paciente, e a tensão surje da relação entre as personagens. O corpo e o rosto de Milena tornam-se o verdadeiro palco, onde a culpa e a lucidez se enfrentam. Através dessa contenção formal, o filme inscreve-se na linhagem do novo cinema pós-iugoslavo herdeiro do realismo social e da observação ética - como nos filmes de Jasmila Žbanić que aqui veremos ao longo deste pequeno ciclo – e introduz a lealdade conjugal em paralelo com um nacionalismo cego, tudo isto a partir da intimidade do gesto quotidiano.

Ao revelar a verdade, Milena não apenas trai o marido; liberta-se de uma forma de vida que durante tanto tempo a manteve prisioneira, por muita paz que lhe proporcionasse. Arrisca as consequências que essa ação terá para si e para a sua família – consequências essas que o filme deixa em aberto - em prol da moral. É um gesto político - a recusa de continuar cúmplice de uma memória seletiva que moldou uma nação inteira .A "boa esposa" deixa de o ser: torna-se, enfim, uma mulher justa.

Tiago Leonardo